



EPEPE
ENCONTRO DE PESQUISA
EDUCACIONAL
EM PERNAMBUCO

Educação e Desenvolvimento
na Perspectiva do Direito à Educação

Eixo temático: Processos de Ensino-aprendizagem e Avaliação

O CONSELHO DE CLASSE COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO FORMATIVA DA APRENDIZAGEM

Rubia Cavalcante Vicente Magnata - UFPE
Ana Lúcia Felix dos Santos - UFPE

Resumo: Este estudo teve por objeto de estudo o Conselho de Classe (CC) como instrumento da avaliação formativa da aprendizagem. Buscou identificar a concepção de avaliação que subjaz o CC do Colégio de Aplicação– UFPE. Toma a avaliação formativa como aquela que favorece o desenvolvimento do aluno, pois se configura num processo contínuo e permanente de acompanhamento das aprendizagens, e nesse caso o conselho classe é considerado um dos instrumentos relevantes para a avaliação dos alunos. Fundamentada no método de estudo de caso, foram feitas observações de reuniões do CC, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos. As análises foram feitas com base nos teóricos referenciados ao longo do trabalho de pesquisa e categorizadas a partir da técnica de análise de conteúdo. Os resultados revelam que as concepções intrínsecas à dinâmica do funcionamento do CC desse Colégio, apontam para uma compreensão e prática dentro de uma perspectiva de avaliação formativa.

Palavras-Chave: Avaliação da Aprendizagem. Avaliação Formativa, Conselho de Classe.

O presente estudo apresenta reflexões sobre o Conselho de Classe como instrumento da avaliação da aprendizagem numa perspectiva formativa. Considerando o Conselho de Classe como espaço coletivo de reflexão, de construção e de reformulação das práticas pedagógicas a fim de favorecer o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, buscamos analisar como essa instância é compreendida por professores e de que forma ele contribui para a avaliação da aprendizagem dos alunos.

O interesse pelo tema dessa pesquisa surgiu da necessidade de melhor compreender a estruturação e funcionamento do Conselho de Classe uma vez que o mesmo é considerado como um espaço coletivo de avaliação da aprendizagem, onde o professor não pode sozinho determinar o futuro do aluno, onde é preciso agregar diferentes olhares, percepções, entendimentos e práticas em função do mesmo objetivo educacional: o desenvolvimento do aluno.

Para melhor compreensão do nosso objeto de estudo contamos com o apoio teórico de autores como LIBÂNEO (1994), HOFFMANN (2009), LUCKESI (2006), PERRENOUD (1999), DIAS SOBRINHO (2003) entre outros.

O Conselho de Classe colabora para a discussão e reflexão conjunta das práticas pedagógicas, estabelece o diálogo entre professores, orientadores, alunos e gestão através de uma avaliação que ressalta o conhecimento construído e que permite a reformulação de estratégias a fim de favorecer o desenvolvimento da aprendizagem. No entanto, a maioria das escolas tem utilizado o Conselho de Classe como instrumento de certificação e seleção. Ele tem funcionado com a perspectiva de promover ou reter o estudante diante de um padrão estabelecido seja pela própria instituição como pelo professor. Geralmente essas reuniões não assumem a função formativa da avaliação, fazendo um diagnóstico sobre os conhecimentos prévios do aluno, o acompanhamento do processo, analisando o que está dando certo ou errado nas práticas educativas, com o intuito de realizar as mudanças necessárias para o desenvolvimento do educando.

Luckesi (2006, p.17) ao observar a prática da avaliação da aprendizagem nas escolas do Brasil afirma que o que mais se evidencia é que esta ganhou um espaço tão grande na prática educativa escolar, que a prática pedagógica passou a ser direcionada por uma “pedagogia do exame”. Ou seja, esse autor nos explica que a prática pedagógica está polarizada pelas provas e exames, sejam os alunos que concentram sua atenção na promoção através das notas que vão sendo obtidas independentes dos meios que foram utilizados, sejam os professores que fazem uso das provas como instrumento de tortura e controle, sejam pelos pais que só sentem necessidade de conversar com os professores mediante um resultado negativo de uma prova, sejam dos estabelecimentos de ensino que se respaldam em dados estatísticos para apresentar uma ideia de qualidade, como também o próprio sistema social e econômico que cobra cada vez mais eficiência e competência a fim de atender aos objetivos padronizados da ideologia dominante. E assim, ao centrar a atenção aos exames, a avaliação da aprendizagem deixa de cumprir a sua função que segundo Luckesi (2006, p.25) é: “subsidiar a decisão da melhoria da aprendizagem”.

Os alunos, dessa forma, são comparados e classificados em virtude de um padrão que gera estigma e exclusão, Libâneo (1994, p.41) colabora com essa reflexão:

Muitas vezes, inadvertidamente, os professores estabelecem padrões, níveis de desempenho escolar, tendo como referência o aluno considerado “normal” – estudantes com melhores condições socioeconômicas e intelectuais vistos como modelos de aluno estudioso. Crianças que não se enquadram nesse modelo são

consideradas carentes, atrasadas, preguiçosas, candidatando-as à lista que o professor faz dos prováveis reprovados.

Complementando essa problemática, Perrenoud (1999, p.11) afirma que a avaliação na escola é tradicionalmente associada à criação de hierarquias de excelência. Sobre as hierarquias de excelência escolar Perrenoud (1999, p.13) nos diz que: “De modo mais global, ao longo de todo o curso, elas regem o que se chama de êxito ou fracasso escolar”.

Fica estabelecido então, um problema no que diz respeito ao que se espera da avaliação da aprendizagem e o que vem sendo feito, compreendemos que segundo esses autores, a problemática se concentra no desvio da atenção à especificidade do educando, lhe são exigidos competências e saberes, mas não lhe são oferecidos os caminhos e as alternativas para alcançar a aprendizagem. Nessa relação de avaliação e aprendizagem no interior das práticas pedagógicas, como o Conselho de classe vem sendo utilizado na perspectiva da avaliação? Em que medida um conselho de classe pode ser utilizado na avaliação formativa?

A partir dessas questões como problemática de nosso estudo é que organizamos o objetivo da nossa pesquisa: analisar a dinâmica de funcionamento de um Conselho de Classe (CC) como instrumento da avaliação da aprendizagem numa perspectiva formativa.

Tendo em vista que algumas escolas têm utilizado esse instrumento é que organizamos os objetivos específicos:

- Caracterizar como se estrutura e como funciona o Conselho de classe;
- Investigar como o CC é compreendido pelos professores;
- Analisar de que forma o CC contribui para a avaliação formativa da aprendizagem dos alunos;
- Identificar e analisar a concepção de avaliação da aprendizagem implícita na dinâmica de funcionamento de um CC.

Diante das ideias dos autores citados em nosso aporte teórico, os quais se posicionam em favor de uma avaliação da aprendizagem dentro de uma perspectiva formativa, fomos direcionados à suposição de que o Conselho de classe do Colégio de Aplicação da UFPE pode constituir-se como exemplo de organização e funcionamento coletivo e reflexivo em função do processo de ensino-aprendizagem, onde a avaliação da aprendizagem reflete um processo de acompanhamento, análise, criação e reformulação de estratégias pedagógicas que possibilitam o desenvolvimento do educando.

1. A avaliação da aprendizagem e seus instrumentos

Embora alguns teóricos não façam uso da expressão avaliação formativa, ao tratar a aprendizagem, de uma maneira geral, eles defendem uma avaliação mais crítica, que fuja das concepções classificatórias, seletivas, excludentes e discriminatórias, e vá ao encontro de uma avaliação que busca diagnosticar as dificuldades apresentadas pelos alunos de forma que os professores possam no decorrer do processo ensino-aprendizagem avaliar suas práticas e reestabelecer critérios e estratégias que promovam o desenvolvimento do aluno.

Para abandonarmos as práticas avaliativas classificatórias, Luckesi (2006, p.81) propõe a avaliação diagnóstica, a qual deve ser assumida como “instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que se possa avançar no seu processo de aprendizagem”.

Hoffmann (2009, p.16) também colabora nessa reflexão quando afirma que “as práticas avaliativas classificatórias fundam-se na competição e no individualismo, no poder, na arbitrariedade presentes nas relações que se estabelecem entre professores e alunos, entre os alunos e entre os próprios professores”. E destaca a importância da avaliação mediadora:

podemos pensar na avaliação mediadora como um processo de permanente troca de mensagens e de significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de ideias entre educador e educando em busca de patamares qualitativamente superiores de saber (HOFFMANN, 2006, p.77).

Como “meios e modos de tornar a avaliação mais justa, mais digna e humana” Sant’Anna (2010, p.7), apresenta-nos os seguintes instrumentos: o conselho de classe, o pré-teste, a autoavaliação, a avaliação cooperativa, a observação, a inquirição e o relatório. Definindo o Conselho de classe como:

a atividade que reúne um grupo de professores da mesma série, visando em conjunto chegar a um conhecimento mais sistemático da turma, bem como acompanhar e avaliar cada aluno individualmente, através de reuniões periódicas (SANT’ANNA, 2010, p.87).

A utilização do Conselho de Classe como instrumento da avaliação formativa é importante porque segundo Sant’Anna (2010, p.93):

- 1) favorece a integração entre os professores, aluno e família; 2) torna a
- 2) avaliação mais dinâmica e compreensiva; 3) possibilita um desenvolvimento progressivo da tarefa educacional; 4) conscientiza o aluno de sua atuação; 5) considera as áreas afetiva, cognitiva e psicomotora; 6) a comunicação dos resultados é sigilosa e realizada pelo professor conselheiro, eleito pela turma; 7) os professores mais radicais, que tentam apresentar seus conceitos

predeterminados, são ajudados pelos colegas a visualizarem o aluno como um todo e a terem uma concepção clara dos propósitos de uma avaliação formativa.

Considerar que o Conselho de classe é um instrumento de avaliação formativa que agrega diferentes óticas e posicionamentos, num espaço de encontro, que tem por objetivo avaliar o desempenho do aluno de forma que se desenvolvam reflexões conjuntas sobre as práticas pedagógicas existentes a fim criar novos encaminhamentos que possibilitem melhores apropriações de conhecimentos, é compreendê-lo como instância fundamental na escola.

2. O Conselho de Classe

No Brasil, o Conselho de Classe está regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, art 14º, II) que destaca a importância da “participação da comunidade escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes”. Embora ela não explicita claramente o Conselho de Classe, entende-se que o mesmo está inserido na dinâmica da escola por se tratar de um órgão que requer a contribuição conjunta dos atores do processo ensino-aprendizagem.

E ainda também a LDB 9394/96 não trate de forma explícita que a avaliação da aprendizagem seja formativa, ela dá indícios que o formato de verificação do rendimento escolar deve ser realizado com características que correspondam a essa função da avaliação, entre os quais se destaca: “avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (LDB 9394/96, art.25º, V, a).

Dessa forma, torna-se possível pensar na relação entre o Conselho de Classe e a avaliação formativa da aprendizagem, pois esse espaço de avaliação além de reunir diferentes percepções avaliativas também define estratégias pedagógicas em conjunto no decorrer de um processo constante, contínuo. Contínuo porque o desenvolvimento humano é ao longo da vida, o ser humano não é um ser acabado, pronto, é um ser em transformação, FREIRE (2002, p.73) nos diz que é na inconclusão humana que a educação se torna um “quefazer permanente”.

Sendo assim, não se pode pensar no Conselho de Classe como momentos estanques, como paradas, mas como o movimento de análise e crítica sobre o que se vem fazendo para melhorar a prática avaliativa.

Hoffmann (2010, p.27) afirma que têm surgido alternativas para escapar ao perigo do Conselho de classe se resumir a apresentação de resultados e reclamações sobre os alunos,

como a participação dos alunos, dos pais, a implantação de pré-conselhos e outros. Com o objetivo “de se buscar maior diálogo entre os envolvidos no processo avaliativo e maior consciência dos processos vivenciados”.

Nesse sentido é importante refletir o Conselho de Classe como um encontro formal e sistematizado mas profundamente reflexivo, colaborativo e responsável, de professores de diferentes disciplinas, com os diferentes profissionais de orientação pedagógica e educacional para buscarem juntos entendimentos sobre o porquê, como fazer e o que se quer de uma avaliação comprometida com a formação humana.

3. Metodologia da pesquisa

Para responder os nossos questionamentos e atingir o objetivo principal desse estudo, utilizamos procedimentos metodológicos qualitativos que segundo Richardson (1999, p.80), os estudos que empregam metodologia qualitativa:

podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Considerando a especificidade do campo empírico dessa pesquisa, o Conselho de classe do CAp-UFPE por esse mostrar-se atuante e com funcionamento relativamente estruturado, é que optamos por um estudo de caso que consiste “no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2006, p.54).

Dessa forma, utilizamos procedimentos metodológicos relacionados ao estudo de campo: observação dirigida, entrevista semiestruturada e análise de documentos pertinentes à instituição estudada. Conforme Gil (2006, p.53):

Tipicamente, o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias.

Os dados foram coletados em três momentos, no primeiro, por meio dos Documentos normativos do CAp a saber: O PPPI (Projeto político pedagógico institucionalizado), a Portaria Normativa 01/93, Instrução Normativa 01/99 e as Orientações Pedagógicas Iniciais (SOEP, 2012).

No segundo momento fizemos observação dirigida a cinco reuniões do Conselho de Classe Promocional¹ do ano letivo de 2013: no dia 25/02/2014 no turno da manhã das turmas do 9º ano A e B do Ensino Fundamental; e no dia 26/02/2014 no turno da manhã das turmas 1º ano A e B do Ensino Médio e 7º ano A Ensino Fundamental no turno da tarde. Tais observações foram registradas em um Diário de Campo e para utilização das observações/intervenções realizadas pelos sujeitos envolvidos no Conselho utilizamos no momento das análises a seguinte nomenclatura: Conselheiro-Professor 1; Conselheiro-Professor 2; e assim por diante.

Em terceiro, foi realizada a aplicação de 10 entrevistas com professores de diferentes disciplinas, através de um roteiro semiestruturado, envolvendo questões sobre avaliação da aprendizagem e conselho de classe. As entrevistas foram agendadas e realizadas individualmente em espaços diferentes do CAp-UFPE aproveitando os intervalos das aulas dos professores, com duração média de 25 minutos cada. Visando melhor interação entre entrevistador e entrevistado, elas foram gravadas em um aparelho celular, para posterior transcrição. No entanto, por problemas técnicos no gravador de voz, ficamos com nove entrevistas para compor nossa análise. Para utilização dos trechos de falas dos professores entrevistados no momento das análises, utilizamos a seguinte nomenclatura: Professor 1; Professor 2; e assim por diante.

Para analisar os dados, optamos pela análise de conteúdo. Conforme Franco (2007, p.23) esse tipo de análise consiste em “um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem”.

4. Resultados e Discussão

¹O Conselho de Classe do CAp é distribuído durante o ano letivo, conforme explicitaremos mais adiante. O Conselho de Classe Promocional é o último do ano letivo.

Nessa sessão apresentaremos nossos achados durante a coleta de dados. No primeiro momento apontaremos as características de funcionamento do Conselho de Classe determinado pelos documentos normativos. Depois, discutiremos as concepções de avaliação que foram se revelando durante nossa investigação e análise.

4.1 Caracterizando o Conselho de Classe do CAP-UFPE

Formalmente o funcionamento do Conselho de Classe está instituído e registrado na Instrução Normativa 01/93, art.2, III, pelo qual assume a função de órgão técnico do colégio. Tendo como competências:

- a) analisar os objetivos da série, das disciplinas e das práticas e de suas etapas, bem como os procedimentos a serem adotados para a sua obtenção;
- b) avaliar a aprendizagem dos alunos nos seus diferentes aspectos;
- c) deliberar quanto à aprovação ou não dos alunos, de conformidade com as normas regulamentares e com as normas complementares estabelecidas pelo C.T.A (Conselho Técnico Administrativo) ;
- d) diagnosticar as causas da deficiência de aprendizagens dos alunos;
- e) solicitar, quando necessário, colaboração de especialista do Colégio ou externo, para orientar o seu trabalho de diagnóstico;
- f) sugerir linhas de ação a serem tomadas pelos professores para com a classe;
- g) elaborar, para apreciação pelos órgãos competentes propostas de alteração dos objetivos e conteúdo curricular da série;
- h) realizar outras tarefas próprias de sua natureza que lhe sejam atribuídas pelo coordenador geral.

E ainda na Instrução nº 01/99 que fixa normas e orienta procedimentos para a avaliação da aprendizagem dos alunos:

A avaliação das aprendizagens dos alunos do Ensino Fundamental e Médio realizar-se-á através de processo sistemático, contínuo, cumulativo e participativo com ênfase na função avaliativa diagnóstica, com o objetivo de redimensionar a ação pedagógica e propiciar novas possibilidades de aprendizado, e fundamentar-se-á nos seguintes princípios: 1.1. Cumulatividade – A avaliação de aprendizagens do aluno será cumulativa, considerando o conjunto das aprendizagens realizadas durante o ano letivo. 1.2. Prevalência Qualitativa – Na avaliação do desempenho do aluno deverá prevalecer os aspectos qualitativos sobre os quantitativos. 1.3. Transparência – Aos sujeitos avaliados será assegurada a transparência dos objetivos, dos processos de avaliação e dos resultados do ensino e das aprendizagens realizadas. 1.4. *Democratização de Decisões – O conselho de Classe, como instância privilegiada de reflexão sobre a prática pedagógica, é responsável pela tomada de decisão sobre promoção de alunos, intermediando a relação entre os sujeitos avaliados.* 1.5. Obrigatoriedade da Recuperação – Ao aluno que não atingir os objetivos trabalhados ao longo do processo de ensino-aprendizagem, nas diversas disciplinas, serão oferecidas novas atividades de aprendizagem, de preferência, paralelas e simultâneas. (*grifo nosso*)

O Conselho de Classe está organizado em reuniões bimestrais ao longo do ano letivo, dispostos da seguinte forma: a) um conselho de classe no início do ano letivo para **prognóstico** das situações de aprendizagem vivenciadas no ano anterior; b) três conselhos de

classe para **acompanhamento pedagógico**; c) um conselho de classe para **efeito promocional** dos alunos, ou seja, onde são analisadas e divulgadas as aprovações e retenções dos alunos. Durante a semana em que se realiza os Conselhos de Classe, exceto o conselho prognóstico, a escola fica com as aulas suspensas, o que não prejudica alunos e professores, pois essa carga horária está prevista no calendário acadêmico, respeitando-se os 200 dias letivos.

Participam das reuniões do Conselho de Classe os professores das disciplinas de cada turma, os representantes dos Serviços de Orientação Educacional e de Orientação Educacional Pedagógico, estagiários e alunos (estes últimos participam apenas dos três conselhos de acompanhamento). Cada reunião é coordenada por um supervisor de classe, que é “um professor que leciona na turma e que está atento à formação dos alunos ao longo do ano, buscando acompanhar o seu desenvolvimento e formação, para além da disciplina que leciona” (SOEP-Orientações Pedagógicas Iniciais, 2012, p.3).

O PPI também reforça a preocupação do Colégio com uma formação mais integral de seus alunos

Desse modo, se o foco da educação escolar visa aos princípios éticos, estéticos e epistemológicos basilares do sujeito criativo e ativo, será necessário em todos os aspectos um compromisso com o fazer e com o agir; um compromisso formativo com a cidadania aprendida numa praxis inclusiva, participativa, solidária e responsável (Projeto Político-Pedagógico Institucional, 2012, p.18).

Nesse sentido podemos entender que os documentos regulamentares do Colégio direcionam a prática pedagógica para uma perspectiva formativa, tendo o Conselho de Classe como instrumento de avaliação e reflexão coletiva.

4.2 O Conselho de Classe do CAP-UFPE revelando concepções de avaliação da aprendizagem

Avaliação como processo complexo e difícil

Embora alguns professores tragam em suas falas conceitos sobre a avaliação como medição, verificação, identificação, todos vão apresentara concepção de avaliação como processo, tendo no diagnóstico, no acompanhamento das aprendizagens e no confronto entre o planejamento, entre o que foi feito e o resultado conseguido, o percurso para orientar e criar novas estratégias pedagógicas.

Percebemos que umas das concepções de avaliação que surge é a de que avaliar é uma tarefa difícil e complexa. É difícil porque não só avalia o mérito, mas também o valor:

E como é difícil avaliar porque a própria avaliação é falha, é falha ou naquele dia o aluno não tá bem, aí eu procuro fazer, que eu acho que quase que uma prática daqui, fazer em momento diferente de forma diferente, tem uma parte que é cobrada uma leitura e uma produção de texto, em outro momento é a prova tradicional, em outro momento é apresentação aí tudo isso vai somando pra ser a prova então de várias partes, e não uma única atividade. (P7)

Dias Sobrinho (2003, p.46) colabora com nossa reflexão sobre essa concepção apresentada pelos professores quando afirma que “a produção de juízo de valor é algo muito complexa e sobre valores não há consensos definidos”.

Avaliar as aprendizagens é lidar com a complexidade humana, dessa forma, torna-se necessário que a avaliação esteja resguardada por um sentido “ético”, o que significa segundo Hoffmann (2010, p.31) “percebê-la como questionamento permanente do professor sobre sua ação, sobre o que se observa no aluno, sobre o que seria mais justo e correto em termos de dignidade humana”. Por não ter regras gerais, a avaliação precisa analisar todas as situações em seu contexto, nesse sentido é preciso “postura de questionamento e de discussão conjunta entre os professores” (IDEM, 2010, p.31), daí se verifica o importante papel que o Conselho de Classe precisa assumir nas escolas.

Considerando ainda a complexidade da tarefa de avaliar as aprendizagens percebemos o reconhecimento de alguns professores que a sua avaliação individual pode ter falhas, que é importante a observação das estratégias utilizadas pelos alunos na resolução dos problemas e a colaboração dos outros professores nos momentos de avaliação coletiva para ajudar na reflexão da própria prática pedagógica:

Avaliação é muito complexo sabe, acho que é um dos momentos mais complicados no processo de ensino-aprendizagem é como avaliar, porque o teu instrumento é falho, tem falhas, e às vezes você não admite que ele tá com falhas, e quando você vê a resposta do menino e também serve pra isso, né? Pra gente fazer uma reflexão até dos instrumentos. Tem hora que eu boto uma coisa e digo: “trivial”, e eu vejo que o aluno não vai por aquele caminho que eu, na minha cabeça, eu achei que era por ali, então até serve pra me auto avaliar e às vezes os meus colegas permitem fazer essa avaliação mais fácil do que eu ficar só no meu. (P6)

Considerar que a avaliação pode ter falhas não a torna menos importante, é justamente o reconhecimento de que ela pode cometer erros que motiva o professor a estar sempre em busca de novas formas de avaliar a fim de melhor se aproximar do conhecimento apresentado pelo aluno durante seu percurso de aprendizagem. Acreditar que a avaliação sempre dará conta de mostrar com absoluta precisão e veracidade o patamar de conhecimento construído é uma ilusão, mesmo utilizando técnicas e métodos consideradas infalíveis o

resultado sempre será aproximado e relativo. De acordo com Dias Sobrinho (2003, p.92) “é preciso afirmar que nenhuma avaliação, mesmo essa tecnicista e objetivista, jamais produz “certezas” pois certezas não pode dar nem a mais rigorosa ciência”. Percebemos essa compreensão na fala deste professor quando fala sobre a subjetividade do resultado:

Poxa, é um tema fácil de falar difícil de realizar! Avaliação é um processo tá certo? Um processo de acompanhamento, sendo otimista né? É o tempo de evolução da aprendizagem do aluno, no caso de matemática, que em matemática tá, se é que é possível verificar se essa evolução, se uma coisa é tão visível, que eu tenho algumas dificuldades em saber se é visível, mas avaliar significa acompanhar o processo para garantir, não garante nada, mas na tentativa de garantir o sucesso, por isso que a gente tá fazendo avaliação né? Buscar informação pra orientar e reorientar algumas ações de forma que a gente consiga o sucesso, o que é difícil a gente dizer: “-poxa aconteceu”, acho que essas coisas em educação não são tão visíveis assim. (P4)

Nesse sentido destacamos a importância da compreensão de que a avaliação não é um processo infalível e inquestionável, é justamente por estar lidando com seres humanos que não pode ser momentânea e categórica, ela precisa ser construída com reflexão, auto avaliação e colaboração mútua.

Avaliação como processo deliberativo coletivo-reflexivo

Em determinado Conselho foi observado o esforço dos professores em refletir e decidir sobre um aluno retido anteriormente que apresentava histórico bastante complicado, tanto de questões de aprendizado como de problemas familiares, houve indicações para uma nova retenção, o que levaria o aluno a ser excluído da escola, mas também houve o interesse e a preocupação em escutar os pares “a produção foi muito baixa mesmo, quero ouvir o conselho” (CP1). No decorrer da discussão e diante das argumentações dos professores, que ora traziam as dificuldades de aprendizagem ora traziam os problemas pessoais como explicação para esses problemas, apareceram reflexões sobre o papel da escola: “formalmente, quais foram as intervenções pedagógicas feitas pela escola para ajudar esse aluno? Se a família não colabora, o que a escola faz? A escola somos nós professores e alunos, e aí, o que vamos fazer? Qual o papel da escola?” (CP2).

Nesse sentido o Conselho de Classe funciona como espaço fundamental de reflexão coletiva sobre o papel da escola e da avaliação na vida do aluno. Podemos dizer na vida, pois o que acontece dentro da escola repercute e acompanha durante toda a trajetória de vida do indivíduo, influenciando atitudes, comportamentos e ações diante da sociedade. Reconhecendo a importância desse espaço reflexivo e os efeitos da avaliação sobre o aluno, destacamos a postura de compromisso e a responsabilidade assumida no Conselho de Classe:

...então eu interfiro muito e levo bastantes elementos pra gente pensar, acho que eu contribuo, não sei se positivamente (risos) mas, contribuo um bocado, algumas pessoas acham que a gente fala demais, mas é necessário, justamente no momento de avaliação final que é aquele que dá o caminho né? Se o menino vai prosseguir com os estudos ou não, isso pra mim é um dos piores, esses momentos, pra gente tomar uma decisão dessa tem que ser bastante consciente, pé no chão, com todos os elementos porque pra eles é uma, é a vida, né? Para as famílias também, a pressão é grande... (P6)

Dias Sobrinho (2003, p.92-93) fala que a avaliação não é neutra nem inocente, ela produz efeitos na vida do indivíduo. Ao optarmos por utilizar uma determinada avaliação em detrimento de outra, estamos consequentemente optando pelos efeitos que iremos produzir, desse modo, o que o CC delibera não pode estar embasado em opiniões e interesse pessoais ou de grupo, é preciso que haja muita reflexão sobre o que se tem feito e o que ainda se pode fazer, isso demanda compromisso, isso demanda colaboração. O professor sozinho, possivelmente não conseguirá observar e apreender o aluno como um todo, o CC permite que isso aconteça no momento em todos os professores apresentam suas observações, dúvidas e queixas diante do grande grupo e todos colaboram com a avaliação tendo como foco um objetivo comum: melhorar o andamento das aprendizagens dos alunos.

Avaliação como processo de ampliação do olhar

Observamos também nas reuniões do Conselho de Classe a preocupação de alguns professores em pontuar positivamente os alunos que superaram dificuldades no decorrer do ano letivo, considerando os avanços realizados por eles, como comprova essa fala:

...eu não vou pro conselho já com nomes pra indicar pra retenção não. Eu faço elogio aos alunos, fiz elogio inclusive esse semestre, esse final de ano, eu elogiei alunos que tiveram grandes dificuldades, por quê? Porque eu elogiei o esforço que eles fizeram para não ficar, para melhorar com relação ao anterior, eu não elogio aluno que tira dez não, eu elogio aluno que se esforça tá entendendo? (P5)

Nesse sentido percebe-se que embora a reunião do Conselho de Classe apresente com mais frequência discussões sobre pontos negativos/ problemáticos, os elogios também aparecem como forma de ampliar a visão de um outro professor para aspectos mais qualitativos do aluno, de forma que opiniões, posições e decisões individuais passem a ser refletidas, transformadas e decididas por todos. Decisões que são construídas na inter-relação das diferentes disciplinas em torno do mesmo objetivo que é o desenvolvimento do aluno:

Então é bom porque você tem uma visão geral da situação do aluno nas outras disciplinas além de ter esse caráter democrático de todo professor poder dar a sua

opinião sobre cada um daquele aluno e inclusive aluno que vai pra o conselho: “- esse vai ser reprovado porque ele tá péssimo na minha disciplina”, mas lá na discussão, cada professor levanta observações que você não vê, é como se você não avaliasse sozinho, os outros professores estão lhe ajudando a avaliar...O aluno que já teve aqui, o aluno que tirou nota baixa na disciplina de exatas e o professor tinha dado como, o indicou para reprovação no conselho, mas esse mesmo aluno tinha participado de uma olimpíada daquela mesma disciplina e ganhou medalha, então ele não pode ser considerado que é ruim naquela disciplina, mas naquele momento da prova ele foi mal e aí o conselho entendeu que não era o suficiente pra reprovar. (P7)

Nesse sentido, percebemos a importância do professor estar atento ao que é dito e feito dentro do CC, de forma que tendo o aluno como foco de seu trabalho e de sua avaliação, consiga adquirir elementos que ajudem na construção e reconstrução de sua própria prática pedagógica.

Avaliação como processo de reflexão e mudança da prática pedagógica

Todos os professores apontam que o processo avaliativo dentro do Conselho de Classe está fundamentado numa concepção de que a avaliação da aprendizagem não só diz respeito ao aluno, mas também traz elementos para o professor avaliar e repensar sua prática pedagógica:

...eu chego lá com a minha leitura, a minha visão, as minhas limitações, numa compreensão de uma realidade, no caso de aluno né? E quando eu chego lá eu escuto as pessoas eu paro para pensar, reflito e certamente quando eu volto pra minha sala de aula eu não sou mais a mesma pessoa em relação ao grupo, então claro que mexe com a minha avaliação (P3)

Entendemos também que o Conselho de Classe não só influencia a vida do aluno através das reflexões que surgem, mas também a prática educacional do professor que diante de tantas visões e falas tem a possibilidade de refazer compreensões, atitudes e principalmente estratégias pedagógicas que venham a desenvolver qualitativamente o processo ensino-aprendizagem:

...então, é esse momento do conselho que você tem que usar da balança, da sensatez, do equilíbrio, e aí quando a gente volta a gente volta com atitudes diferentes, pedagógicas, mesmo humanas, do relacionamento, tá certo? Às vezes a gente ouve uma história que é tão pesada e a gente volta diferente, talvez exigindo menos do aluno ou com mais compreensão pelo menos, entende? Então realmente o conselho de classe quando ele é muito sério, quando ele é feito com as prerrogativas de um conselho ele modifica todo o mundo, porque é uma questão de relação que se dá ali e a gente vai construir outro fazer, com certeza. (P8)

As reflexões e discussões coletivas nesse espaço coletivo com foco na avaliação dos alunos trazem a possibilidade de mudança, tanto da prática quanto da concepção, um professor que possui um pensamento fechado sobre determinado aluno tem a oportunidade de escutar os colegas e dessa forma ampliar sua visão do aluno, passando a enxergá-lo em sua totalidade, reconstruindo a prática pedagógica, realizando então uma avaliação mais justa e de certa forma mudando sua concepção sobre o que é avaliar, pois “a transformação da prática pedagógica liga-se estreitamente à alteração a concepção de avaliação porque a construção do processo avaliativo expressa o conhecimento da e sobre a escola que é produzido na própria relação de avaliação” (DALBEN, 2004, p. 70)

Avaliação como processo de troca entre professor e aluno

Percebemos em todas as falas dos professores entrevistados o destaque para a presença dos alunos no Conselho de Classe, alguns vão classificar essa participação como definidora, construtiva, enriquecedora e importante, mas principalmente como processo de avaliação mútua, pela troca que se estabelece entre professor e aluno no momento de avaliação.

A participação dos alunos no CC proporciona o diálogo e favorece a aprendizagem à medida em que os alunos apresentam suas queixas e observações sobre o que dificulta no processo ensino-aprendizagem e na relação interpessoal professor-aluno, e também à medida que o professor reflete e elabora novas estratégias pedagógicas a partir dessas considerações

Embora todos afirmem a importância da participação dos alunos, nem sempre ela resulta nos resultados que eles esperam, os professores esclarecem que para alcançar os objetivos específicos das disciplinas nem sempre podem modificar a metodologia, alguns deixam claro que as mudanças nem sempre acontecem de imediato, outros, que dependem do que o professor considera pertinente mudar ou não. Mas de toda a forma, sempre há um movimento a partir do que foi tratado no Conselho, a participação dos alunos sempre mexe com o professor:

Eu acho que favorece, embora alguns alunos digam assim: “- ah, mas a gente vai pro conselho e não consegue mudar a forma do professor”, mas claro, tem algumas pessoas que são mais inflexíveis em algumas posições, mas assim, só o ouvir, o escutar, o expor publicamente a situação eu acho que já ajuda muito, até quando eles colocam assim: “- não, a prova foi muito difícil, tal atividade, o professor passou um seminário muito longo, exigiu muito”, eles conseguem expor isso. Então só o fato de colocar, mesmo que o professor não mude assim em algumas posições, assim, quando ele volta pra sala ele conversa, ele sempre conversa, ele sempre volta e diz: “não, mas vocês falaram no conselho, mas eu coloquei que era dessa forma”, ele sempre retoma, então eu acho que o conselho ajuda, sempre ajuda na avaliação. (P9)

Isso revela o quanto a participação dos alunos no Conselho de Classe é fundamental para o processo de avaliação da aprendizagem tanto no que diz respeito ao diálogo, quanto a formação mais completa, no sentido que eles aprendem a participar de espaços coletivos colocando suas reivindicações, mas também assumindo compromisso diante do grande grupo.

5. Considerações Finais

Esse estudo foi realizado em resposta ao nosso questionamento inicial que buscava analisar se o Conselho de Classe poderia ser um instrumento de avaliação formativa. Percebemos através dos professores entrevistados, das observações e dos documentos normativos que as concepções de avaliação que se revelam sobre o Conselho de Classe apontam para a perspectiva de uma avaliação formativa. O que não nos causa surpresa, já que o corpo docente é constituído em sua maioria por professores mestres e doutores, a maioria com bastante tempo de atividade docente no CAP-UFPE, o qual está inserido no Centro de Educação da UFPE, espaço acadêmico de estudos e pesquisas no campo educacional.

Entendemos que a avaliar as aprendizagens não é uma tarefa fácil, o professor de uma forma ou de outra traz suas ideologias e valores para a escola e para sua prática pedagógica. É o espaço coletivo de avaliação que proporciona melhores entendimentos e reflexões sobre o que seria a avaliação ideal e qual a avaliação real, sobre o que se tem feito e o que ainda falta fazer para alcançar um maior desenvolvimento do aluno. O diálogo que se estabelece nas inter-relações entre professores- professores-serviços e professores-aluno- serviços no CAP-UFPE demonstra que embora haja dificuldades, o Conselho de Classe apresenta-se como instrumento de avaliação capaz de subsidiar o processo formativo de seus alunos.

5. REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394** de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. **Conselhos de Classe e Avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- DIAS SOBRINHO, José. **Avaliação: políticas educacionais e reformas da educação superior**. – São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 32ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. – 8.reimpr. – São Paulo, SP. Atlas, 2006.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2009.(11 ed.rev. e atual. ortog.) 144 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. – (Coleção magistério. Série Formação do professor).

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18.ed.São Paulo, SP. Cortez, 2006.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Métodos quantitativos e qualitativos. In: RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa Social: métodos e técnicas**/ São Paulo, SP. Atlas, 1999, (70-89)

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?: Critérios e instrumentos**. 14.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.